

Da briga na escola à vida pública, conciliador

Ele começou uma das mais longas carreiras políticas (53 anos) com uma idéia: a pacificação

Tancredo de Almeida Neves nasceu numa sexta-feira, dia 4 de março de 1910, na cidade do oeste mineiro São João Del Rey (à época São João D'el Rey), filho de Francisco de Paula Neves, um comerciante classe média de secos e molhados, e de dona Antonina de Almeida Neves, severa mãe do princípio do século.

Era um dos treze filhos do casal, e para fugir a uma longa série de nomes tradicionais com que os pais batizaram os outros filhos, deram-lhe o nome de Tancredo, que no Dicionário de Nomes Próprios é sinônimo de conciliador, pacificador.

O dia de seu nascimento é dia de Vênus e o signo é Peixes. E em seu horóscopo, referente ao dia do nascimento, vê-se que aquele menino ia ser dotado de alto magnetismo, que chegaria à fortuna e que desempenharia papéis importantes na vida.

Tancredo foi o sétimo dos treze filhos de seu Chico e dona Antonina. Os outros chamavam-se Francisco, falecido aos três meses de idade; Paulo, Otávio, José, Antônio e Francisco. Depois vieram Roberto, também já falecido; Mariana, Jorge, Gastão, também falecido, Esther e Maria Josina (Zininha). Seus avós eram José Juvêncio das Neves e Maria Josina Carneiro Neves, pelo lado paterno, e Antônio Homem de Almeida e Maria Kleber de Almeida, de ascendência húngara, pelo lado materno.

Foi batizado na mesma igreja — Matriz de Nossa Senhora do Pilar — e na mesma pia onde se batizou Bárbara Heliodora, esposa do infidente Inácio José de Alvarenga. O batizado foi dia 14 de agosto de 1910, oficiando o ato monsenhor Gustavo Ernesto Coelho, que era vigário da cidade à época. Seus padrinhos foram o médico Dr. Eloy dos Reis e Silva — duplamente afamado na ocasião, por ser médico de renome em todo o Estado e solteiro convicto — e Maria da Conceição Silva.

Sua infância numa cidade de fundas e ricas raízes religiosas e musicais jamais indicaria nele o conciliador, pacificador, de alto magnetismo e grandes responsabilidades: era um menino como qualquer outro de uma pacata cidade interiorana — corria pelas vielas da cidade a jogar pedras nas vitrais das casas, promovia "piques" no interior das igrejas, jogava bola de gude à sombra das centenárias palmeiras da cidade e "guerreava" com seus colegas usando frutas das árvores da rua Direita ou do Largo da Câmara.

Gostava de futebol, e nas pedradas de bola de meia era centro-avante. Mais tarde, no Ginásio Santo Antônio, seria meia-direita dos times do colégio e de clubes da cidade. Jogou com Telê Santana, com Edson, que junto com Telê deixou o Minas para brilhar no Fluminense do Rio, e jogou contra Zezinho Bonifácio. Tancredo lembrava-se desta época com humor: "Zezinho era meia-esquerda e eu meia-direita. Acho que devia ser ao contrário..."

A educação materna fez dele o católico fervoroso, criado numa cidade que tem, proporcionalmente, mais igrejas do que a Bahia, e onde Aleijadinho deixou algumas de suas mais belas obras, como a Igreja de São Francisco, ao lado do tradicionalíssimo Ginásio, mais tarde Colégio Santo Antônio — hoje, depois de um incêndio, Fundação Municipal Santo Antônio, de ensino superior —, onde Tancredo fez os estudos básicos.

Estudava o suficiente para ir passando e armazenando conhecimentos. Já começava a desportar no futebol, como meia do infantil do Minas Futebol Clube.

O menino Tancredo era habilidoso com a bola e, como na política, tinha bom jogo de cintura. Driblava muito bem, lançava magnificamente e era usado, comandando os ataques, como quem antevendo o futuro, no qual sempre foi o homem que avançou, investiu, arrojado e pronto para a luta.

A família de Tancredo participou da fundação do Minas. Das pedradas com bola de meia nas ruas empoeiradas ou no Largo do Rosário, foi calçar chuteiras num campo verdadeliro — não menos empoeirado, mas pelo menos marcado, com regras, times completos, bola de verdade e tudo o mais. Tancredo se destacava, pelo futebol, pelo empenho e pelo comando da equipe.

Cedo deixou as equipes secundárias e envergou o uniforme azul e branco do time principal do Minas. Mas a política estava no sangue, e logo deixou os campos para começar sua longa carreira de homem público, que ocupou todos os cargos eletivos do País. Exceto a Presidência da República, para a qual foi eleito mas não chegou a exercer.

NA POLÍTICA

Primeiro, foi vereador em sua cidade. Depois, presidente da Câmara Municipal. O industrial, advogado, com curso de pós-graduação em Economia mas, sobretudo, político, começou a vida pública aos 22 anos



ras. Também não era namorado, um costume muito acentuado no fim da década de 20 e princípio da de 30 em Belo Horizonte. Os universitários, especialmente os de Direito, tinham fama de "conquistadores, de muita conversa". Tancredo não participava de movimentos acadêmicos, mas demonstrava gostar de política. Discutia, já entre 27 e 32, urgentes mudanças no País que conduzissem a uma nova ordem política, econômica e social. O que ele sonhava, enfim, fazer pelo Brasil.

Em 1932, duas turmas foram bachareladas pela Faculdade, e Tancredo colou grau na primeira, que recebeu a denominação de "Turma Feliz", dada pelo jornalista mineiro Djalma Andrade, alguns anos depois, pelo êxito que conseguiram todos os que formavam aquela turma de bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais.

A solenidade foi em 5 de março de 1932, e segundo os cronistas da época, "foi um acontecimento prestigiado com vivo interesse por nossas rodas sociais". A programação foi extensa: às 9 horas, missa em ação de graças, celebrada na matriz de São José pelo vigário-geral, monsenhor João Rodrigues. Na missa falou o orador sacro monsenhor Carlos de Vasconcelos e o professor Asdrúbal de Lima cantou, acompanhado por orquestra regida por Francisco Nunes, maestro famoso que hoje dá seu nome ao Teatro Municipal de Belo Horizonte.

Depois da missa, os bacharelados foram em romaria ao cemitério do Bonfim para uma visita aos túmulos do professor Barcelos Correia e do acadêmico Valladares Roquete, falecido durante o curso. No túmulo do professor, falou o bacharelando Ciro dos Anjos, e no do colega, o formando Tancredo Neves.

A colação de grau foi às 16 horas, no auditório da Escola Normal de Belo Horizonte, sob presidência do reitor da Universidade, Lúcio dos Santos. Foi parafalho o professor Orozimbo Nonato e orador da turma o bacharelando Guilherme Cesar.

Interessante ressaltar o discurso que Tancredo fez à beira do túmulo de Valladares Roquete. Roquete foi possivelmente uma das primeiras vítimas de crimes passionais de Minas Gerais, que se tornariam seguidos e tristemente famosos: ele estava de amores com uma dama da sociedade belo-horizontina, com a qual combinara uma senha para os encontros furtivos, nas noites em que o marido da distinta senhora não estava em casa. Só que, como sempre, numa dessas vezes o marido vol-

No túmulo da vítima que dividiu Minas, ele conseguiu uma proeza: agradou ambas as correntes. "Este menino de São João vai longe", comentou um de seus professores

tu mais cedo. E reagiu bem à mineira: disparou um tiro no jovem acadêmico. Ele ainda tentou socorro, mas morreu a caminho do hospital.

O crime, logicamente, dividiu a sociedade e a imprensa de Minas. Tancredo, ao fazer a oração ao pé do túmulo do colega tragicamente desaparecido, conseguiu um prodígio: agradou a ambas as correntes. Com o que, ali mesmo ao pé do túmulo, um de seus professores comentou: "Esse menino de São João vai longe..."

De volta a São João Del Rey, dedicou-se à advocacia. Chegou a promotor de Justiça, mas não tinha vocação para acusar. Preferia uma seresta à porta de uma das moças são-joanenses, entoando versos de Carlos Galhardo, Noel Rosa, Francisco Alves, que surgiam e eram grandes nomes daquele tempo. E logo a disposição de servir ao povo falou mais alto e ele ingressou na política, de onde só saiu morto, 53 anos depois.

OS HABITOS

Tancredo, como todo mundo, tinha suas manias, seus hábitos. Alguns são recentes e bem conhecidos: morder a ponta da gravata, o que lhe permitia esconder a tensão do temperamento conciliador mas bulicoso. Ou praticar loga, quando a tensão era muita, até mesmo em seu escritório. Ou bater com a ponta dos dedos nos microfones, antes de falar, seja em que auditório fosse. Tancredo tinha horror de "fleshes" e "spots" de fotografias e cinegrafias, mas jamais reclamou.

Do tempo de menino, hábitos e manias menores. Coçar muito a cabeça, então cheissima de cabelos, quando queria dizer algo, quando pretendia interromper alguém e não conseguia. Desde 11 anos percebia-se esta mania em Tancredo Neves.

Conta-se que, ao tempo da escola primária ainda, em São João Del Rey, um professor fazia uma longa preleção sobre o fato de sermos todos irmãos, na Terra, brancos, pretos, ricos, pobres. Tancredo ouvia e coçava furiosamente a cabeça. Frei Cândido percebia a angústia de Tancredo, mas continuava sua pregação de fraternidade universal. Ao lado de Tancredo, outro escolar, o Benedito, um pretrito abusado, irreverente, a quem os professores costumavam chamar de "capeta, diabo, demônio" e por aí afora.

O frei falando, Tancredo coçando a cabeça, quase arrancando os cabelos e balançando o corpo miúdo na carteira. O frei resolve então dar-lhe a palavra.

Tancredo levantou-se, apurou bem o corpo, e saltou à queima-roupa: "O senhor diz que somos todos irmãos, ricos,

Tancredo sempre fez questão de separar muito bem todas as coisas que compunham seu universo. E assim viveu três vidas: a individual, a familiar e a política

pobres, pretos e brancos. Mas eu não concordo. Do Benedito eu não sou irmão".

Mal-estar geral, o Benedito sem entender nada e Tancredo a fuzilá-lo com olhos maliciosos. Literalmente sem saber o que fazer, pede o frei-professor a Tancredo uma explicação. Que sai logo: "Não sou irmão do Benedito, porque todo mundo diz que ele é o demônio, o capeta e eu não quero ser irmão de diabo algum!". O frei não se conteve: "Você vai longe, garoto, você vai longe!" Premonição?

Desta data ainda as grandes peraltices do garoto. A mania de quebrar vidraças das janelas, de tirar frutos das árvores para guerrear com outros meninos, e o maior hábito: frequentar a Igreja, participar dos atos litúrgicos.

As quintas-feiras, infalivelmente, desde 10 anos, ia à missa do Santíssimo. Pegava a opa, espécie de túnica reservada aos irmãos do Santíssimo, e ia ajudar a missa, geralmente do padre Gustavo. Empunhava uma grande tocha, maior do que ele, e aí virava um garoto fervoroso e contrito. Mesmo vestindo a proibida opa, não sendo membro da Irmandade. Um símbolo cobido, numa inocente e pura clandestinidade.

Como coroinha (aquele que ajuda o padre durante a missa) aprimorou-se e chegou a ser, em consenso geral, o melhor da cidade. Era um sineiro perfeito, numa cidade onde os sinos até hoje têm uma linguagem particular e peculiar, com toques diferentes para anunciar cada tipo de coisa, desde a missa, o batizado, a festa, a morte, a catástrofe, de forma a que cada habitante compreendesse, ao simples dobrar dos sinos, o que eles anunciavam. Tancredo dominou como ninguém essa técnica, captando-a ele próprio.

Também da época de primeiros estudos, já então no Ginásio, Tancredo mostrava seu lado pacificador e ordeiro. Sempre cordato, cordial, jamais envolveu-se em brigas. Seu irmão Paulo, mais velho, de temperamento mais romântico, alegre e fogoso, tinha "estopim mais curto", e volta-e-mela envolvia-se em brigas, tão comuns a adolescentes. Tancredo, embora bem mais moço, sempre foi o responsável pelas pacificações e reconciliações após cada briga.

CAMINHANTE SOLITÁRIO

Mania mais recente, a de dar longas caminhadas, escondida também um prazer secreto, quase infantil: driblar, como nos tempos de futebol em São João Del Rey, a vigilância que, como homem público, sempre teve.

E depois, nas ruas, esgueirar-se furtivamente, escapar de pessoas, para poder a sós, meditar, fazer longas análises. Eram seus momentos de reflexão preferidos, longe da pressão de políticos, natural sobre quem, a vida inteira, foi político, teve cargos de relevo. Nesses encontros consigo mesmo, Tancredo costumava fazer suas formulações. Hábil, tomava decisões e arquivava-as na memória: são raríssimos os registros escritos de decisões de Tancredo, como formar sua equipe de Governo em Minas ou seu Ministério mais recentemente.

Esse costume não foi só do tempo de Brasília. Quando no Rio, no apartamento da Avenida Atlântica, ou no Palácio, em Belo Horizonte; na superquadra 206 Sul, em Brasília, e até mesmo na fazenda em Cláudio o costume era observado. "Para descansar, temos a eternidade", costumava dizer

quando lhe alertavam para o excesso de trabalho. Metódico, porém firme em seus princípios, jamais aceitou pressões e muito menos ordens. E lendária a refração que Tancredo tinha a qualquer tipo de sugestão ou comentário que insinuasse algo que ele devesse fazer.

Essa característica era tão arraigada em Tancredo que afetava até costumes de longa data. O Presidente tomava diariamente uma colher de mel de abelhas, automedicação à qual atribuía milagres. Se alguém, por acaso, ingenuamente, simplesmente lhe lembrasse que devia tomar o remédio, Tancredo não o tomava. A mesma coisa acontecia com os comprimidos de magnésio, receita do médico do Senado, e que Tancredo deveria tomar diariamente. Ele os mantinha à mão, mas se alguém lhe lembrasse o comprimido, naquele dia ele não era ingerido.

Outro hábito era o de isolar-se em casa para refletir e tomar decisões graves. Tancredo conseguia, embora com um imenso respeito à ação da imprensa, que esta — bem como os políticos — respeitasse o sacrossanto recinto de sua casa, estivesse onde estivesse. Em Brasília, especialmente, no apartamento da quadra 206 Sul, onde também morou Juscelino, tanto a imprensa quanto seus colaboradores mais próximos conheciam essa sua antiga tendência de isolamento nas horas em que precisava decidir algo fundamental — e nunca o interromplam.

Geralmente ele ficava assentado em uma poltrona, meditando, ou fitando a paisagem como se buscasse nos amplos espaços verdes de Brasília o caminho correto a seguir.

Sempre dormia entre meia-noite e uma da manhã. Não raro, com um livro, que acabava caindo-lhe das mãos. Lia muito, e de tudo, com absoluta tranquilidade: tratados econômicos ou forenses (estava lendo Direito dos Tratados, de Francisco Rezak, em janeiro deste ano), teorias políticas, estudos sociológicos, romances de sucesso de todos os lançamentos editoriais. Suas últimas leituras estavam entre Roberto Drumond, Olavo Drumond, mas ele mesmo confessava: "Li todos os clássicos. Li Dante, li Cervantes, li Homero, li Virgílio, conheço toda a obra de Shakespeare, li Voltaire, conheço Montesquieu, li tudo quanto podia ou caía em minhas mãos. Só não li todo o Capital".

Lamentava-se nos dias de

Ele não era de organizar, planejar. Gostava de delegar poderes e jamais cancelava uma ordem. Se o assessor não dava certo, não mudava a ordem; mudava o homem

campanha que não tinha mais tempo para ler — "no máximo umas duas horas por dia, antes de dormir". Pela manhã, antes mesmo do café, ainda na cama, lia os jornais de Brasília. Mais tarde, os do Rio, de São Paulo e Belo Horizonte.

Acordava entre sete e sete e meia, e depois de ler alguns jornais, ia ao café da manhã, farto em frutas, de preferência carnes, e muito especialmente a manga rosa e salada de frutas, que habitualmente repetia. Não tomava leite, só café, com pão de queijo e pãozinho com manteiga e queijo prato. Ele não gostava do queijo de Minas.

Nas refeições, adorava carne enopada. Não comia bifês e não gostava de carne seca, apreciando um bom gulsado, chuchu, quiabo e cenourinha. Adorava carne de porco, bistecca frita e frango. Não desprezava uma bela feijoada e apreciava uma pimenta bem ardida. De sobremesa, doces em calda, de preferência figo e péssago. Apreciava um vinho branco, que Dona Risoleta andava controlando ultimamente, e um Campari. A noite, antes de dormir, se não houvesse jantado, tomava uma sopa, necessariamente grossa, com muitos legumes e carne, fazendo questão de colocar algumas gotas de molho de pimenta.

Sempre foi extremamente cuidadoso com a aparência. Adotava ternos sóbrios, escuros, notadamente de tons cinzentos. Mais recentemente, passara para cores sóbrias, porém mais marcantes. Era colecionador de gravatas.

De São João Del Rey, herdou o prazer com a música de orquestra. Ele garantia que era bachiano, mas apreciava igualmente Beethoven e Liszt. O que não impedia de gostar de música suave, romântica, bem popular, e não apreciava a música

moderna, barulhenta, tipo rock. Em Brasília Tancredo não tinha aparelhagem de som em seu espartano apartamento da 206 Sul. Mas carregava um rádio-toca-fitas e uma coleção de fitas com suas músicas prediletas.

O prosaico o atraía. Assistia às novelas da TV Globo, apreciava Milton Nascimento e procurava sempre ver suas apresentações; admirava Maitê Proença e gostava muito de cinema, buscando filmes históricos, prazer que aos poucos perdeu envolvimento pela vida pública cada vez mais intensa. Gostava de futebol, era Flamengo no Rio e América em Minas. Não podia ir mais aos campos, mas não perdia uma decisão pela tevê.

Tancredo era sisudo, mas do de um humor refinado, usado na dosagem certa, e só inteligível para os iniciados na política, da qual ele era mestre.

O que mais o caracterizava era o espírito conciliador, produto de uma máxima que ele observava com rigor e transmitia a todos os próximos: "Não há amigo tão fiel que um dia não possa ser seu inimigo, nem um inimigo tão ferrenho que um dia não possa ser seu amigo".

Não era homem de organizar, planejar. Gostava de delegar. Não impedia a ninguém fazer o que achasse correto, mas nada pedia. Aceitava com naturalidade sugestões de colaboradores, mas delegava-lhes poderes para executar o que propunham. Gostava de acompanhar permanentemente essas execuções e jamais cancelava uma ordem. Se um assessor ou colaborador não dava certo, não mudava a ordem: mudava o homem.

Só tomava banhos frios, admitindo-se no máximo um banho tépido, menos que morno, nos invernos mais rigorosos, bem comuns em São João Del Rey.

A FAMÍLIA

Tancredo casou-se com Dona Risoleta em 1937, em Cláudio, onde a conheceu em função de sua atividade como advogado, no oeste de Minas. Teve três filhos, Inês Maria, Maria do Carmo e Tancredo Augusto. Nenhum deles herdou a vocação política do pai, que acabou ficando com o neto e até então secretário-particular do Presidente da República, Aécio Cunha Filho.

Logo após deixar o governo de Minas e iniciar suas caminhadas em direção ao Planalto, mudou-se para Brasília com o neto. A família ficou em Belo Horizonte, onde Tancredo a assistiu. Sua vida familiar foi rigorosamente fechada, dentro de um princípio do próprio Tancredo, que não permitia em hipótese alguma que se invadisse a privacidade de seu lar.

Tão arraigado era esse costume, não só no próprio Tancredo, como em toda a família, que o episódio de sua doença revelou ao País a imagem real de sua mulher, Dona Risoleta, forte, firme, leal, discreta, mas sempre presente: ângulos em que não era ainda conhecida do País.

DISSIDÊNCIAS

Entre muitos fatos importantes em sua vida pública, não há dúvidas de quem dois se destacam, ambos tratando de dissidências. Em 1960, disputando contra Magalhães Pinto o governo do Estado de Minas, era apontado como virtual ganhador, apoiado por um PSD tido como imbatível. Acabou perdendo, depois que uma dissidência interna em seu partido tirou-lhe as bases necessárias para a vitória.

Vinte e cinco anos depois, enfrentou um candidato tido como imbatível no Colégio Eleitoral, pelas regras de então. Uma dissidência interna no PDS levou-o ao mais alto cargo do País, e com a surpreendente homologação do povo, que queria direta e repugnava o Colégio Eleitoral, mas que fechou com Tancredo rumo à Nova República.

Ele não subiu a rampa para consolidar seu projeto. Mas sua pregação, sua vida inteira dedicada à vida pública, seu espírito conciliador cercam a República que nasce. Sob a proteção de um homem que, mesmo nos anos mais negros do arbitrio, não se abaxiou, não se curvou, não permitiu que lhe colocassem dobradiças na espinha, fiel ao povo, à Pátria, ao desejo cinguentenário de mudar a política econômica e social, de distribuir justiça social, em busca de um País mais forte, mais humano socialmente mais justo, economicamente mais rico.

Tudo o que ele pregou, tudo o que ele prometeu, tudo o que ele sonhou, obrometá, quem ficou de consolidar. Para que a Nova República seja uma realidade. Para que não morra com Dr. Tancredo de Almeida Neves, um dos maiores estadistas que o século nos legou.